

Da Rapsódia à Sinfonia

Sentido para a composição
de um sistema de pensamento na área das drogas

Cândido Agra

KRISIS

Linhas de fractura

O Animal crisico, Homo, frui do mundo e da vida inventando, equacionando e resolvendo problemas. Por isso é ele o nobre desviante do Reino. Vence a imediatez do naturalmente dado na aparência pelo discernimento, pela decisão, pela distância, pelo poder da Krisis. Por ela transforma os fenómenos em númenos, a experiência imediata em experiência problemática do vivido.

A relação com as substâncias psicoactivas, obedecendo à lei geral da fruição da natureza, torna-se também objecto de invenções problematizantes. Entre outras formas possíveis o Ocidente civilizado decidiu problematizar o facto da introdução de certas substâncias vindas de outras culturas nos hábitos culturais de consumo como sendo um mal individual e colectivo que importa "debelar" a todo o custo, por todos os meios, e por obra de todos. O consumo das drogas, hábito profundamente inscrito na história antropológica é, assim, construído como fenómeno e de valor negativo: "o flagelo da droga". Socialmente construída como entidade fenomenal trágica, "a droga" entra na experiência do sentir comum como objecto, coisa em si, de natureza maligna, elemento de crise perturbador da "vida boa" das sociedades, das instituições e dos indivíduos.

Quais as figuras do mal que representam elevada carga de temibilidade e perigosidade para as sociedades do progresso e do bem estar? A doença e a morte no que

diz respeito à ordem corporal, a transgressão das normas e a criminalidade no tocante à ordem social. Transubstancializado o consumo das drogas em doença e em delinquência, eis identificado mais um "grave problema" cuja natureza física, psicológica e social é a imagem invertida da civilizacional figura do supremo bem: o estado de completo bem estar físico, psicológico e social (a saúde definida pela O.M.S.). Como para todos os graves problemas, urge conhecer-lhe as causas, explicá-lo, e agir sobre elas. Quem? Que instâncias? Entram em cena os jogos de poder e do saber para a grande representação da droga. A partir daqui, uma dramaturgia em dois actos: a repressão e a profilaxia na dupla imagem do mal: pathos e delictum. Efeitos? Já se vai tomando consciência de que a resposta está em Sísifo e que a "guerra contra o flagelo da droga" está perdida. Do lado do saber nenhuma teoria que se apresente com elevado poder heurístico, do lado da intervenção nenhuma estratégia que se revele eficaz. A crença no "fenómeno" ou "flagelo da droga" como coisa em si, objectiva, naturalmente dada, o seu congelamento nas categorias do realismo ingénuo do senso comum ou do senso comum elaborado, têm constituído o principal obstáculo que veda à Razão o acesso a uma verdade proximal sobre o sentido profundo do consumo das substâncias psicoactivas na cultura.

É hora de o animal crisico pôr em acto o seu potencial crítico: operando uma ruptura epistemológica⁽¹⁾ em relação aos simulacros do conhecimento e da intervenção sobre o consumo das drogas; re-problematizando

o consumo das substâncias psicoactivas. Ateu em relação ao credo da droga doença/delinquência/vício; separado do “corpo místico” médico-jurídico-político-moral; objector de consciência em relação às “guerras” contra a droga, o animal críscico, solitário mestre de si, pensa o consumo das substâncias na morada do pensar crítico. Aí vem ele, no momento da sua singularidade, revelar mais um dos seus exercícios.

Primeira consideração

A palavra, droga (logodependência). Também o discurso pode funcionar como uma forma de dependência; pensamos a realidade sob o efeito de uma dada ordem discursiva. Esta determinação é geradora de ilusão ou erro cognitivo: acreditamos que as coisas são o que as nossas palavras dizem sobre elas; ora, crendo possuir noções exactas da realidade que abordamos, não fazemos mais do que aplicar-lhe as categorias da nossa linguagem. Irremediavelmente condenados à prisão do discurso podemos nós aspirar ao pensamento livre? Como se liberta o espírito no cativo da palavra? A resposta é radical se nos deixarmos aconselhar por Nietzsche: “ainda existem observadores ingénuos que acreditam na existência de certezas imediatas, por exemplo, eu penso... deveríamos libertar-nos da sedução das palavras” (Nietzsche, 1886)(2). A libertação do pensamento em relação à palavra que o escraviza ocorre no metadiscurso o qual, pela adopção de uma nova matriz enunciativa ataca e corroi a função sobredeterminante do dizer. A crise crítica latente na palavra irrompe como magma deixando-a fendida, em fractal, rendida e aberta às indeterminações do pensar o qual, na sua radicalidade, faz explodir o Ego do Cogito.

A palavra “droga”. Aplicando à palavra “droga” a consideração anterior temos:

- a) O conhecimento da realidade a que se refere a palavra droga e correlativas (toxicodependências, toxicomania, etc.) está dependente de uma dada ordem de discurso.
- b) Por desconhecimento dessa ordem, o processo cognitivo espontâneo ao abordar essa realidade está contaminado pelo seguinte erro epistemológico: “a droga” é aquilo que eu digo sobre ela. As minhas palavras traduzem a noção correcta da coisa droga tal como ela é, em si.
- c) Mas, na realidade, o é da droga enunciada por este

sujeito (o qual pensa que pensa) não é mais que construção de uma intersubjectividade que introduziu um dado segmento do mundo fenomenal nas categorias da linguagem invocadoras de perigo, veneno, doença, morte... O pensar das drogas está, pois, prisioneiro de formações de discurso reificantes que se pretendem uma verdade sobre a coisa droga. A palavra droga é coisa de normas comportamentais e legais (moralismo e juridismo); a palavra droga é coisa de pathos fisiológico, psicológico, social (patologismo); a palavra droga é coisa de factos biológicos, psicológicos, sociais (cientismo); a palavra droga é coisa de doença e delinquência, é coisa bio-psico-social de tudo e de todos (multidisciplinarismo)(3).

Segunda consideração

Programa para a libertação da logodependência “droga”

a) Análise dos a priori próprios dos diferentes modelos constituídos que tentam explicar e intervir sobre as drogas (para além de outros possíveis, os que acabam de ser enumerados em ismo). Tal análise implica um estudo dotado de um método histórico-epistemológico.

b) Construção de um sistema que, tendo em conta a análise precedente, evite os erros detectados, nomeadamente o erro coisista e realista, através da elaboração racional do fenómeno-droga; um trabalho próximo do que Bachelard chama “fenomenotécnica” para as ciências “duras”.

c) Vigilância crítica deste sistema sobre si próprio pela interrogação permanente sobre o seu próprio a priori e a forma como este se inscreve no Discurso, na intersubjectividade que pensa; sobre a forma como o seu próprio discurso lhe condiciona o pensamento. Trata-se em suma, e utilizando a bonita formulação de M. Foucault, de pensar no impensado.

Terceira consideração

Pensar livremente as drogas é pensar a própria liberdade. Na ciência e na ética. Pensar “a droga” na distância, na separação. Qual o horizonte dessa distância? O campo dos objectos “problema” das toxicodependências tem-se alargado consideravelmente, mesmo a

objectos que já não implicam substâncias, como é o jogo(4). Qual o sentido da desmultiplicação dos “objectos problema”? Quais as categorias que os enquadram, a patologia, a delinquência? – Temos redobrado o patologismo, o juridismo e o correlativo reforço do higienismo (veja-se como exemplo o tabaco) e do controlo social.

Mas que outra via poderá seguir a problemática das dependências? Aquela que conduz, como todo o pensar sábio, às questões fundamentais. As “drogas”, “as dependências” constituem um acontecimento histórico que pela sua natureza nos obrigam a recolocar tais questões. O que é que nos acontece? Como devemos nós viver, que devemos nós fazer, o que é a dependência, a autonomia, a liberdade?

Se decidirmos, como aqui se propõe, que o problema das dependências deve ser tratado tendo no horizonte estas interrogações fundamentais teremos de criar um método que permita pensar as dependências em sistema complexo, num campo tensional constituído pelos subsistemas ético, científico, e da práxis. A tarefa não é fácil, pois trata-se de fazer convergir na “droga” sistemas culturais fechados sobre si próprios. Como havemos de compô-los entre si respeitando-lhes a autonomia?

Através de metáfora musical que dá o título a este texto quis-se tornar clara a ideia de um programa para o pensar crítico da “droga”, a distância entre a composição linear simples e contínua e uma arte da composição complexa de sistemas de conhecimento sobre a droga.

Da rapsódia à sinfonia (modelo de composição)

A crise do paradigma dominante de explicação e de intervenção sobre a “droga” manifesta-se desde meados da década de setenta na América do Norte e na Europa a vários níveis: ora em propostas de mudança conceptual e teórica, ora em mudanças nas práticas de intervenção ou ainda ao nível das metodologias e programas de investigação. Esta necessidade de ruptura manifesta-se ainda de dois modos. Recente e implicitamente na filosofia espontânea de muitos especialistas e outros interventores sociais, confrontados com novos acontecimentos como por exemplo a SIDA que, numa lógica do mal menor, obriga à distribuição de seringas e à disponibilização de metadona para ali-

mento da dependência. A SIDA veio lançar a contradição e a crise no seio dos dispositivos tradicionais da droga; explicitamente na prática teórica e metodológica de equipas de investigação e intervenção como por exemplo: Th. Szas e Stanton Peele nos Estados Unidos; Dollard Cormier no Canadá; João Fatela, R. Ingold, e A. Herenberg em França; R. Kaplan na Holanda; D. Comas em Espanha; o Centro de Ciências do Comportamento Desviante da Universidade do Porto, em Portugal.

As figuras em que a Crísis do dispositivo(5) da droga se nos vem apresentar anunciam o advento de uma configuração de saber cuja positividade se recorta no pensamento metodologicamente determinado, ou o desfiguramento do fenómeno na dispersão de uma multiplicidade de objectos, intuições, teorias e práticas? Vamos pelo atalho apoiados na metáfora: o devir do pensar das drogas segue o modelo da rapsódia ou da sinfonia? O que é uma rapsódia? uma forma musical inespecífica, de movimento contínuo, cuja composição é feita frequentemente a partir de canções folclóricas de inspiração romântica. O que é uma sinfonia? Etimologicamente, reunião harmónica de sonoridades múltiplas, é um tipo de música específica, obra para orquestra de carácter sério, complexo, cujo movimento descontínuo é marcado por andamentos que se encaixam uns nos outros.

É hoje um truismo fazer apelo à multi, pluri, inter, trans-disciplinaridade quando se trata dos modelos de abordagem do fenómeno da droga. Muitos prefixos? Palavras, palavras, palavras, quando não se sabe nem se quer saber como se há-de fazer (a disciplinaridade). Tudo está de acordo; o conhecimento das drogas é feito de multiplicidades. E agora? Como se aplicam elas sobre o fenómeno? Que imagem numenal, conceptual nos devolvem que não seja a imagem do espelho partido em múltiplos fragmentos?

Só há dois caminhos (métodos) possíveis: o da multidisciplinaridade rapsódica ou o da multidisciplinaridade sinfónica. O primeiro método dá-nos um saber inespecífico, continuista, ingénuo e simplista. Inespecífico porque composto por justaposição de conhecimentos insusceptíveis de integração. Como podem compor-se entre si os elementos droga/doença (modelo médico) droga/delinquência (modelo jurídico), droga/vício,

ausência de valores (modelo moralista)? Como se compõem estes elementos com o conhecimento científico? E no interior do conhecimento científico como se compõem elementos vindos das neurociências (por exemplo a activação do sistema nervoso central), com dados captados pelas técnicas psicométricas sobre a estrutura e funcionamento do sistema psíquico (processamento de informação, integração dos estímulos externos), ou com dados etnometodológicos relativos às interacções entre o comportamento e os contextos micro ou macro-sistémicos? Ao nível dos paradigmas explicativos, como poderão compôr-se a abordagem psicanalítica com a abordagem sistémica senão por justaposição tratando-se de sistemas teóricos de diferente matriz epistemológica? O modelo da rapsódia é continuista, não separa níveis de conhecimento e de realidade, confunde e mistura paradigmas explicativos e de estrutura técnica ou científica inconciliáveis. Aqui, tudo igualmente vale, tudo é igualmente bom. Amalgama de diferentes tipos de conhecimento, o estado actual do saber da droga nem é uma moral, nem uma doutrina jurídica, nem uma ciência, nem uma técnica. É um folclore médico-político-jurídico-moral em continuidade com as ingenuidades e simplismos cognitivos do senso comum no qual se inspiram algumas composições de aspiração técnico-científica (o senso comum elaborado sobre o fenómeno das drogas). Segundo método (modelo sinfónico). A multiplicidade dos elementos cognitivos é organizada segundo um dado esquema cuja lógica gera especificidade; é unitas multiplex. O saber das drogas no modelo sinfónico possui identidade epistemológica própria composta por integração (não por justaposição) de partes autónomas (os integráveis)(6). Poderemos, assim, dizer que este domínio antes de ser multidisciplinar tem de ser, primeiro que tudo, uma disciplina tout court constituída (i) por um conjunto de objectos recortados no campo fenomenal segundo uma dada regularidade ontológica (ii) por um ou vários sistemas teóricos constituídos a partir de conceitos seleccionados no campo enunciativo segundo um critério de demarcação epistemológica (iii) pela aplicação dos sistemas teóricos à experiência, através das práticas institucionais. Definidas as propriedades do sistema disciplinar específico das drogas (objectos, teorias e práticas) - a ciência do comportamento adictivo - estaremos em condições de nela poder integrar os integráveis que,

deslocados de outras regiões do saber (neurociências, ciências humanas, ética), adoptam agora a lógica, o algoritmo deste sistema. O modelo sinfónico do conhecimento supõe uma arte da organização lógica dos conceitos e da sua construção; é, segundo a fórmula de Kant, *cogitatio ex principiis* e não *cogitatio ex datis*, uma arte dos sistemas ou arquitectónica por oposição ao conhecimento em rapsódia.

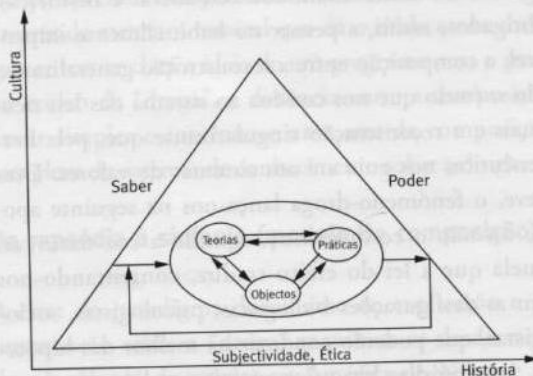
Arquitectónica

Princípio – Se algum consenso existe na comunidade sábia das drogas este limita-se praticamente à grande lei que rege o fenómeno, a lei do efeito: as substâncias, os indivíduos, os contextos. Porém, apesar de uma ou outra tentativa, somos forçados a reconhecer que não dispomos de um sistema teórico que modelize a volumetria do fenómeno-droga. E compreende-se. Ex *principiis*, pela força da lei científica, somos obrigados a pensar as drogas na confluência de duas grandes regiões do saber, as ciências naturais (pelo lado das substâncias e da individualidade orgânica) e as ciências humanas (pelo lado da individualidade psicológica e da contextualidade eco-social e histórica). Obrigados, assim, a pensar no habitualmente impen-sável: a composição entre a reconstrução generalizante, pelo método que nos conduz ao sistema das leis neuronais e a reconstrução singularizante que, pela hermenêutica, nos guia até aos sistemas de valores. Dito breve, o fenómeno-droga lança-nos na seguinte aporia: ou não o conhecemos segundo a sua natureza, aquela que a lei do efeito traduz, contentando-nos com as desfigurações biologistas, psicologistas, sociologistas, que poderão conduzir na melhor das hipóteses, às rapsódias bio-psico-sociais ou dispomo-nos a conhecê-lo na sua volumetria, mas deparamo-nos com o interdito imposto pela ciência e pela moral modernas ao decidirem que os fenómenos ou se pensam como factos ou se pensam como valores, nunca como facto e valor ao mesmo tempo.

A resolução da aporia passa pela crítica dos fundamentos de tal interdito apoiada no pensamento de anti-modernos como Nietzsche, Bataille, Foucault; na filosofia das ciências que interroga a sua divisão tradicional (como por exemplo Michel Serres ao analisar as “passagens”

entre as ciências da natureza e as ciências humanas); na filosofia moral designadamente quando propõe teorias morais de base científica (por exemplo Kohlberg). A constituição de um sistema teórico que, fundado na crítica da incomunicabilidade entre a ciência e a ética, tome o fenómeno como facto e como valor, equivale, pois, a um acto transgressivo em relação às normas do método do conhecimento ainda dominantes(7).

Sistema epistemológico – Do ponto de vista de uma epistemologia sistémica dir-se-á que um campo disciplinar é um sistema constituído por um conjunto de interacções tensionais (i) internas (as relações estabelecidas entre o subsistema dos objectos, o subsistema das teorias, o subsistema das práticas) (ii) externas (as relações estabelecidas entre o sistema e o seu meio, a experiência). A experiência é constituída, por saber, poder e subjectividade (ética) nas coordenadas do tempo, história, e da cultura(8).



A análise do sistema compreende três momentos fundamentais: redução ontológica, reconstrução lógica, prova applicativa.

A redução ontológica, trabalha o recorte do sistema de objectos a partir dos “fenómenos” que emergem na

experiência; reduz os objectos a conceitos cuja notação seja o mais pobre possível em suposições ontológicas (coisitas); determina, mesmo assim, um mínimo de ontologia requerida por uma teoria própria de uma disciplina particular.

Reconstrução lógica. Momento de análise das condições de construção teórica a partir de conceitos previamente definidos, de cuja articulação pode surgir um modelo abstrato capaz de traduzir as relações do objecto de experiência.

A prova applicativa opera a integração do modelo abstracto no sistema das práticas relativas ao fenómeno nas suas manifestações singulares.

Esquema para um sistema epistemológico da “droga”

Sistema dos objectos (redução ontológica)

(i) – Como é construído, na história da cultura ocidental, o “fenómeno droga”? Que tipos de relações se estabeleceram entre poder, saber e moral para que um certo número de objectos/comportamentos viessem à superfície do discurso na forma “droga”?

(ii) – Que objectos são recobertos pelas noções: “droga(s)”, “toxicomania(s)”, “toxicodependência(s)”, “adicção”, “comportamento adictivo”, “estilo de vida com (sem) droga”... Qual o seu valor conceptual?

(iii) – Que conceitos poderão traduzir a lógica dos objectos do fenómeno-problema da experiência, droga facto, droga valor?

Sistema teórico (reconstrução lógica)

(i) – Qual a actual configuração do sistema científico e do sistema ético? Como se posicionam em relação um ao outro?

(ii) – Permitem estes dois macrosistemas culturais a construção de um sistema teórico que componha conceitos relativos a factos e conceitos relativos a valores? Sob que condições?

(iii) – Que comparações poderão ser estabelecidas entre esse sistema e outros modelos teóricos? Que modelos pode integrar, com que modelos entra em ruptura?

Sistema de acção (applicabilidade).

(i) – É o sistema teórico integrável no sistema dos dispositivos da droga?

(ii) – Sendo de natureza geral, aplica-se, e como, à grande diversidade de situações concretas, à singularidade das toxicobiografias?

(iii) – Como se situa o sistema na experiência cultural? Como retroage sobre si próprio através da práxis? ■

Cândido Agra

Professor Catedrático da Universidade do Porto

Tem exercido funções de professor convidado

na Universidade de Montréal, Quebec, Canadá.

RESUMO: *Através da metáfora da rapsódia à sinfonia o autor quer significar o sentido do seu programa de investigação situado na crise do paradigma dominante dos dispositivos da droga. Desenvolve a apresentação deste programa em quatro tempos. Neste artigo, Krisis, identifica as linhas de demarcação em relação aos discursos reducionistas sobre a droga; em seguida, define dois métodos possíveis para a composição de um saber multidisciplinar optando por um deles (o sinfónico por oposição ao rapsódico); traça o desenho do seu sistema de conhecimento sobre o fenómeno “droga” (arquitectónica). Apresentará desenvolvimentos desse sistema em mais um artigo.*

VOTO

A droga “é um problema social que diz respeito a todos”?

- Sem excluir os artistas do pensamento, esperemos! ■

RÉSUMÉ: *Par la métaphore de la rapsodie à la symphonie, l'auteur veut signifier le sens de son programme de recherche qui se situe dans la crise du paradigme dominant des dispositifs de la drogue. Il développe la présentation de ce programme en quatre temps. Dans cet article, Krisis, l'auteur identifie les lignes de démarcation par rapport au discours réductionnistes sur la drogue; ensuite il définit deux méthodes possibles pour la composition d'un savoir multidisciplinaire choisissant entre eux le symphonique par opposition au rapsodique. Il trace le dessin de son système de savoir sur le phénomène de la “drogue” (architectonique). L'auteur présentera le développement de ce système dans un autre article. ■*

ABSTRACT: *Trough the metaphor from rhapsody to symphony the author pretends to give meaning to the sense of his research programme centred in the crisis of the dominant paradigm in the drug dispositives. He presents this programme in four phases. In this article, Krisis, he identifies the border lines concerning the reductionist speeches on drugs. Next he defines two possible methods for the elaboration of a multidisciplinary knowledge, choosing one of them (the symphonic by opposition to the rhapsodic). He draws his own knowledge system concerning the drug phenomenon (architectural). He describes that system in another article. ■*

(1) O conceito de corte ou ruptura epistemológica, significa, na filosofia da ciência de Bachelard, o momento em que um dado domínio do saber se torna autónomo em relação às crenças do senso comum (e do senso comum elaborado) e adopta o conhecimento crítico dotado de método (o conhecimento científico).

(2) O autor faz esta consideração no capítulo em que caracteriza o pensar livre por oposição aos livres pensadores. F. Nietzsche (1987), Edição Portuguesa. *Para além do bem e do mal*. Lisboa, Guimarães Editores

(3) Não se quer com isto negar que o consumo de drogas implique doença, não se pretende negar que haja valores em questão, não se pretende negar que haja leis naturais do comportamento, nem tão pouco a necessidade de conjugação de conhecimentos. O que se critica sob a forma do “ismo” é a arrogância com que os diferentes modelos se excluem e o simplismo com que a multidisciplinariedade (que não se faz) se diz.

(4) O autor deste artigo, a propósito das toxicodependências, propõe e elabora desde 1984 uma teoria geral da dependência e da autonomia. Stanton Peele defende uma posição idêntica. Esta questão será desenvolvida num próximo artigo.

(5) Utiliza-se o conceito de dispositivo no sentido de M. Foucault, como espaço de articulação de saber e poder.

(6) Utiliza-se o conceito de "integrável" (substantivo) como equivalente ao conceito de "intégron" do biólogo F. Jacob (1970). *La logique du vivant*. Paris, Gallimard.

(7) Transgredir as normas modernas do conhecimento? Mas a História do Pensamento, mesmo o pensamento moderno, aí está para atestar que a complexidade dos sistemas teóricos ocorre sobre o efeito de transgressões epistemológicas. Ousadia sempre recompensada pelas graças que a Verdade, mais próxima, vai concedendo ao pensador-desviante, que por amor dela sacrifica os bens efêmeros do conformismo.

(8) Este modelo conjuga a perspectiva de M. Foucault (1984). *Histoire de la Sexualité*. Paris, Gallimard, entre outras obras do mesmo autor; e a abordagem praxeológica de N. Rescher (1979), *Cognitive Systematization*. Oxford, Blachwell.

